

RESENHA 2

Resenhado por Heloisa Lescano Guerra¹

GUERRA, Vânia M. L. (Org.); NOLASCO, Edgar Cézár (Org.). *Formas, espaços, tempos: reflexões linguísticas e literárias*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010. 412p.

Vânia Maria Lescano Guerra, doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, com pós-doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, docente da Graduação e da Pós-Graduação da UFMS, do *campus* de Três Lagoas, e Edgar Cézár Nolasco, doutor em Literatura Comparada pela UFMG, docente da Graduação e da Pós-Graduação na UFMS, do *campus* de Campo Grande, ambos pesquisadores do CNPq, trazem a público o livro intitulado **FORMAS, ESPAÇOS, TEMPOS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS**. **Essa obra, organizada pelos professores citados, reúne vinte textos, de vários autores de diferentes instituições brasileiras – comprometidos com aspectos sociais de grande relevância, para a região centro-oeste e para todo o país –, em torno da identidade, da subjetividade, da linguística e da literatura, abordando, cada qual ao seu modo, o real do sujeito, o real da língua e o real do discurso.**

O prefácio primoroso da professora Maria José Coracini, da UNICAMP, já adianta o que iremos encontrar nos textos do livro: “Essas formas apontam para traços de outros – escritores, pintores, compositores, cientistas..., que se con-fundem com os traços próprios, exterioridade que se faz interioridade. E essa heterogeneidade não é apenas intrínseca a cada texto, mas se encontra, como é o caso, espalhada pela obra, na relação entre os capítulos” (p. 9).

O primeiro texto da coletânea, intitulado “Considerações sobre ‘a estética do seio’: identidade e discurso”, dos autores Vânia Maria Lescano Guerra e Fernanda Aline de Andrade (UFMS), aborda o discurso sobre a (re)engenharia do corpo propiciada pela cirurgia plástica estética, na contemporaneidade, temática que tem se apresentado como um terreno fértil aos projetos identitários produzidos pelos/nos discursos midiáticos. Pode-se constatar, como efeito desse processo de (re) produção de identidades realizado pela mídia, a (re) definição estética das brasileiras promovida pelo implante cosmético de prótese de silicone nos seios. Diante desse *acontecimento*, este ensaio analisa o discurso sobre a mulher produzido a partir do aumento do tamanho do seio (re)significado pela cirurgia estética de implante mamário de prótese de silicone, veiculadas pela mídia impressa nacional, que aposta em recursos biotecnológicos (ginástica, tratamento estéticos, próteses), de modo

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas e docente da AEMS - Faculdades Integradas de Três Lagoas.

especial, na “siliconização” dos seios, como prática de (re)configuração identitária do sujeito feminino.

Para alcançar esse objetivo, Guerra e Andrade selecionaram recortes de publicações impressas nacionais voltadas para o público feminino, mais especificamente pela revista *Plástica e Beleza*, entre os anos de 2002 e 2008. A análise fundamentada na Análise do Discurso francesa, e nos Estudos Culturais, nos permitiu entender a temática e o momento histórico de ascensão social pelo qual a mulher passa e o “poder” de autonomia produzido nos sujeitos por essas discursividades, uma vez que se trata do aumento de uma parte do corpo feminino que teve a sua estética controlada, na maior parte do tempo, por instituições masculinas (Igreja, Estado e a medicina).

Para as autoras, se por um lado, essas discursividades oferecem ao sujeito a possibilidade de (re)construir “novos” sentidos sobre o feminino, por outro, elas acabam criando estereótipos, uma vez que o sujeito feminino desejável e autorizado a desejar surge como aquele que se enquadra no padrão estético instituído nesses discursos. Relevante nesse estudo é o gesto de interpretação em que não são tecidos julgamentos moralizantes em torno da cirurgia plástica estética, uma vez que o implante cosmético de prótese de silicone nos seios é uma realidade contemporânea, fruto de sociedades capitalistas, cuja prática traz complexidades a serem investigadas em outras áreas.

Já no segundo ensaio intitulado “O *bios* nas fábulas de Clarice Lispector”, Edgar César Nolasco e Valéria Aparecida Rodrigues (UFMS) apresentam a literatura infantil de Clarice Lispector como o fabulário da vida da escritora, uma vez que as narrativas para crianças retratam fatos do cotidiano de Lispector. As histórias da vida real servem de suplemento para a ficção e é justamente essa relação intrínseca entre vida e obra de que trata os autores no decorrer deste texto. A partir da leitura das fábulas claricianas, *O mistério do coelho pensante* e *A mulher que matou os peixes*, Nolasco e Rodrigues investigam como ocorre a relação biográfico-cultural de Lispector na obra voltada para crianças. A leitura também privilegia o conceito de amizade, já que o diálogo que a escritora estabelece com os amigos e com os próprios filhos colabora para a composição da escrita literária de Lispector que, ao escrever fábulas biográficas, nas quais o cotidiano com seus filhos serve como pano de fundo para as histórias infantis, recupera os fatos por meio das memórias e das vivências, bem como por meio dos ícones pessoais, familiares que vão se inscrevendo na escritura.

Importante revelar que é justamente na elaboração desse vasto material biográfico armazenado na memória, que Lispector constrói suas fábulas. Assim, para o autores, Lispector (re)utiliza os fatos biográficos que ocorreram na infância dos filhos, como o mistério do sumiço dos coelhos e a morte dos peixes, ou, ainda, ela os reinventa, demonstrando, assim, seu singular processo de criação literário. Memórias, conversas, correspondências, vivências pessoais, amizades, passeios, encontros, viagens, leitores, amalgamam o arquivo de uma vida que se instaura dentro da ficção e que estão contemplados na análise desse texto crítico, sob a ótica da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais.

“Notas sobre a possibilidade de um tratamento discursivo de adjuntos adverbiais”, de Roberto Leiser Baronas (UFSCar), vem tratar de um problema fundamental de linguagem: embora amplamente estudado tanto nas escolas estruturalistas quanto nas escolas funcionalistas nos seus mais diversos domínios, a questão do tempo na língua tem tido um tratamento marginal no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa (AD). Para Baronas, os poucos estudos existentes nesse domínio têm privilegiado basicamente enunciados que gravitam em torno de acontecimentos discursivos, dispostos ao longo de um eixo temporal longo. No tocante aos advérbios e, mais especificamente, à função sintática que esses elementos exercem numa dada sequência, enquanto adjuntos adverbiais, tal tratamento inexistente.

Neste texto, o autor busca refletir sobre a possibilidade de um tratamento discursivo dos adjuntos adverbiais, pensando-os não mais em termos de elementos que instauram o tempo na língua, mas como índices de historicidade: lugares discursivos em que o discurso se ancora mais fortemente na língua, deixando entrever o posicionamento ideológico do sujeito enunciatador. Baronas discute, ainda, a necessidade de incorporação de um tratamento didático desses elementos no ensino do português com o objetivo de formar leitores mais críticos. Vale dizer que o *corpus* desse estudo a partir de dois gêneros discursivos distintos, uma música e uma manchete de jornal impresso, A música João e Maria de Chico Buarque (1977), constitui o ponto de partida para a importante reflexão sobre o funcionamento discursivo dos adjuntos adverbiais. Especificamente, na direção da problematização do adjunto adverbial “agora”, fartamente dado a circular nessa música de Buarque de Holanda.

“O céu de Sney: contornos do feminino”, de Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG), estuda o êxodo rural dos homens do sertão nordestino, já abordado em diversas obras literárias e cinematográficas. Ainda hoje essa temática incita reflexões sobre a fuga das precárias condições de sobrevivência, bem como sobre as dificuldades enfrentadas pelos nordestinos no processo de adaptação forçada à realidade das grandes cidades brasileiras. Entretanto, segundo Lima, pouco se fala a respeito das mulheres que ficam no sertão, sustentadas pelo dinheiro enviado pelos companheiros e filhos ou se deparando com a necessidade de conseguir o que fazer para sobreviver. Quando há algum registro sobre elas é sempre no sentido de destacar as dificuldades e quase nunca no sentido de captar um cotidiano de mulheres fortes, que sobrevivem apesar de tudo.

Com o filme *O céu de Sney*, o diretor Karim Aïnouz traz essas mulheres que ficam no sertão. Segundo ele, seu desejo era “fazer um filme sobre mulheres”, afirma Lima. Assim, em 2004, durante sua residência em Berlim como bolsista do programa de artistas do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), ele desenvolveu o roteiro do filme, inicialmente intitulado *Rifa-me*. A partir daí, com o apoio da produção de Walter Sales, em agosto de 2005, o longametrage começou a ser rodado e, logo em seguida, em 2006, já estava nos cinemas.

Na tentativa de captar elementos para uma leitura acerca das representações da mulher na sociedade brasileira contemporânea, Lima apresenta uma reflexão sobre o perfil da protagonista delineado nessa produção cinematográfica. Para a autora,

“As outras mulheres – avó, tia, sogra, amiga – também estão em nosso raio de visão, já que uma identidade é sempre engendrada no movimento rumo ao outro; já que toda identidade se constitui a partir de uma alteridade” (p. 80). Nesse percurso de análise, Lima vale-se das contribuições da Teoria Semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau e nas contribuições de Michelle Perrot e Michel Foucault. A autora já encontra um caminho para uma leitura mais arguta acerca das mulheres, embora reconheça que se trata dos primeiros esboços de uma pesquisa em fase inicial de desenvolvimento.

Valdemir Miotello e Kátia Vanessa Tarantini (UFSCar), no texto “O espaço epistêmico da modernidade”, afirmam que, ao apresentar, em *As Palavras e as coisas*, a constituição da Modernidade na ruptura com o pensamento clássico, Michel Foucault reconhece, justamente no espaço de modalidade de ser das coisas e da ordem, a alteração do campo epistêmico, desde três configurações distintas, três configurações descontínuas da *epistémê*: a do século XVI, o Renascimento, a da “idade clássica (por volta dos meados do século XVII) e aquela que, no início do século XIX, marca o limiar de nossa modernidade”.

Para Miotello e Tarantini, na resposta ao problema de como se configura o espaço do saber, de como, nas coerências desse espaço, estabelece-se o que podemos pensar e tratar: “segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber”, Foucault percorre três épocas históricas configuradas, respectivamente, segundo o seu enfoque, como a era da semelhança, a era da representação e a era da interpretação. Assim, para os autores, percorrer e investigar, pois, “o espaço epistêmico é averiguar como Foucault constituiu esse campo, sobre o qual se repartem as coisas, distribuindo-as e oferecendo-as ao saber” (p. 98). Importante destacar que a abordagem proposta pelos autores vem dar ênfase à compreensão tanto do *sobre* quanto do “na” disposição epistêmica, cuja mediação, segundo Foucault, nada mais nada menos, garante ao pensamento certa “geografia” que estabelece ordenação de conteúdos.

Gláucia Muniz Proença Lara e Maria Magda de Lima Santiago (UFMG), no trabalho intitulado “Os planos de leitura espaciais em duas narrativas de Ítalo Calvino”, centram-se na análise de duas narrativas da tradução brasileira do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, cujos discursos apresentam um plano de leitura espacial que atravessa os demais planos de leitura e percursos temático-figurativos identificados.

Segundo Lara e Santiago, os temas, figuras e isotopias encontrados são relacionados a alguns conceitos presentes na Esquizoanálise, filosofia criada por Deleuze e Guattari, que trata da formação das subjetividades, reforçando o *espaço* como elemento atuante na construção das configurações subjetivas assumidas pelo coletivo contemporâneo.

“A costura da colcha: uma leitura dos contos de Bernardo Elis”, de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos e Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi (UFGD), constitui resultado de pesquisa desenvolvida em torno da prosa poética do escritor regionalista Bernardo Élis, em que os autores analisam a narrativa contista deste escritor goiano, com o objetivo fundamental de verificar a presença do “regionalismo” como

vertente comum e constitutiva, de notável representatividade e produtividade, no processo criativo do escritor.

Incidindo sobre uma região que passou a formar o ciclo do Oeste da literatura brasileira, o *locus* das reflexões de Santos e Torchi justifica-se por um processo de formação cultural particular, que, temperado por outros processos culturais diversificados, oferece-se hoje como um produtivo universo cultural, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais, culturais e interculturais. Originariamente, tais reflexões são resultantes do projeto de pesquisa institucional, intitulado “Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteira”, em desenvolvimento pelos autores.

O próximo trabalho do livro, “Escola pública: lugar onde se ensina/aprende inglês?”, de Solange Maria de Barros Ibarra Papa e Arivan Salustiano da Silva (UFMT), investiga a ideologia presente nos discursos de professores de inglês, de escola pública, em contexto de formação continuada. Por meio de *conversas colaborativas* (cf. BAILEY, 1998) realizadas com um grupo de professores, as autoras refletem sobre como as ideologias atravessam os discursos de professores de inglês e como estes circulam na escola pública.

Partindo do princípio de que há um discurso naturalizado em nossa sociedade, onde a escola pública não se constitui num lugar onde se possa aprender/ensinar inglês de maneira eficaz, o que só seria realizável apenas em Institutos de idiomas (HORNICK, 2006), o trabalho que as autoras desenvolveram com duas professoras e um pesquisador constitui importante material para a Análise Discursiva Crítica, nos moldes teorizados por Fairclough (2001), em seu modelo tridimensional de análise discursiva.

“Mídia e representação social: a violência contra a criança”, de Heloisa Lescano Guerra (UFMS) e Marlon Leal Rodrigues (UEMS), ancorado no arcabouço teórico da Análise do Discurso de origem francesa, estuda os silenciamentos discursivos (Orlandi (2002) e aspectos importantes do discurso da mídia (CHARAUDEAU, 2007), para identificar algumas formas por meio das quais a violência e a criança vitimizadas são representados pela mídia impressa.

Compreendendo a mídia como portadora de múltiplos significados delimitados pela organização discursiva enquanto texto (objeto empírico) e contexto utilizado, este estudo analisa os discursos da Revista *Veja* a fim de examinar se a mídia impressa ao produzi-los contempla ou negligencia determinadas fontes pelo efeito de sentido produzido e o modo como isso ocorre. Por meio da análise de alguns recortes discursivos, Guerra e Rodrigues verificam como constituem os elementos ou marcas que atribuem o sentido de exclusão social e as circunstâncias enunciativas em que os acontecimentos são contextualizados.

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN), no trabalho “Entrecruzando olhares sobre a autoria foucaultiana”, entende que a função-autor não é apenas recebida, mas também possível de ser modificada, já que o nome do autor não é mero elemento de um discurso, mas revela posições exercidas pelo sujeito.

A autora problematiza a função da autoria tratada por Foucault (1997) correlacionando-a a temáticas trabalhadas pela Análise do Discurso francesa (AD) na esfera da subjetividade. Para tanto, Sgarbi olha para a abordagem função-autor com as “lentes” voltadas para os discursos e as práticas discursivas, observando a não obviedade dos textos, a prática discursiva e a inter-relação existente entre o produto (texto) e seu produtor (autor). Para a autora, não há na tessitura das reflexões abordadas o intuito de pontuar respostas, mas, pelo contrário, deflagrar questionamentos que não se estrangulem em si próprios, mas proliferem.

“Memórias vividas e inventadas nas infâncias de Manoel de Barros”, de Thalita Melotto e Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS), mobiliza a obra poética de Manoel de Barros, construída por meio de seus traços memorialísticos, inventados ou não. Para as autoras, ao “escovar palavras”, Barros busca encontrar os “clamores antigos que estariam dentro delas”. Esse fato ganha maior relevância quando o fruto desses pensamentos e dessas criações é uma obra de caráter autobiográfico como a trilogia *Memórias Inventadas*, lançadas entre os anos de 2003 a 2008, com uma roupagem especial.

Segundo Melotto e Santos, na tentativa de transportar o leitor ao universo do poeta, cada obra é apresentada dentro de uma “caixinha”, com folhas soltas, grafadas em numeração romana, enlaçadas por delicadas fitas coloridas e emolduradas pelas iluminuras da artista Martha Barros, filha do poeta. Este último mimo (trans)forma a obra poética de Barros. As autoras afirmam que há algum tempo Martha é a responsável pelas ilustrações das capas das obras do pai, no entanto, nas *Memórias Inventadas* a harmonia criada entre as iluminuras e os poemas foi capaz de criar uma nova obra, que usa a “visão oblíqua” dos artistas, pai e filha, para escavar uma memória carregada de águas, pedras, chão, passarinhos, rãs e mostrar ao público um novo viés literário” (p. 206).

José Batista Sales (UFMS), no texto intitulado “Os níveis de narração em “O casamento de minha mãe”, de Alice Vieira”, explora os recursos narrativos, como a organização temporal (presente e passado) e foco narrativo como elementos estruturais da obra “O casamento de minha mãe”, de Alice Vieira (2005).

Sales possui o intento de demonstrar a complexidade da obra como instância do processo de construção de identidade da personagem e consequentes efeitos de sentido no processo de leitura, no universo da literatura infantil.

Prosseguindo, o texto intitulado “O discurso dos exemplos num folheto de cordel: a religiosidade do sertanejo”, de Raymundo José da Silva e Marlene Durigan (UFMS), traz a Literatura de Cordel, pouco conhecida pela maioria dos leitores brasileiros. Para os autores, ela tornou-se, pelo menos até a década de 1970, a mais genuína forma de expressão sócio-cultural do povo sertanejo que, advinda da Península Ibérica, adaptou-se no Nordeste e desenvolveu características marcantes, como a religiosidade, o misticismo e a valorização de determinadas formas de conduta.

Para Silva e Durigan, os folhetos, além de funcionarem como entretenimento e veículos de informação da gente simples do sertão, pretendiam corrigir os maus costumes e condenar os pecados mediante um exemplo, geralmente registrado no

final pelo sujeito-autor. Considerando esses aspectos, os autores analisam o discurso do poema de Cavalcante, *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*, tendo, como suporte, as obras de Bakhtin (1997) e Pêcheux (1988), que teorizam sobre o fenômeno da polifonia e a ilusão da originalidade discursiva do sujeito.

“Diretores das UNEI sul-mato-grossense: discurso e representação social”, de Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Douglas Pavan Brioli (UFMS), vem interpretar representações dos diretores sobre os adolescentes de duas Unidades Educacionais de Internação (UNEI) masculinas, localizadas no Estado de Mato Grosso do Sul. O texto verifica confrontos entre os discursos e as relações de disciplina e saber/poder por meio dos embreantes discursivos, a partir de entrevistas gravadas na instituição, cuja oralidade teve como característica a instabilidade. A pesquisa situa-se no campo teórico e metodológico da Análise do Discurso, inaugurada por Pêcheux (1988) e pelas contribuições de Foucault (1986, 2004 e 2005) para as questões do discurso enquanto dispersão e da relação entre corpo e disciplina.

Segundo Nascimento e Brioli, os dados mostram que em relação a educar e reintegrar à sociedade, os diretores recorreram ao discurso jurídico, familiar, político, pedagógico, institucional e o da exclusão para elegerem a carência familiar e o descaso social como fatores responsáveis pelo aumento do número de adolescentes autores de atos infracionais, uma vez que essas condições dificultam a reabilitação desses jovens, visto que retornam, após o cumprimento da medida de internação, às mesmas condições sociais em que se encontravam antes. Os autores ainda constatarem que os diretores colocam-se na posição de educadores, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente, sensíveis às condições psíquico-sociais em que se encontram os adolescentes; reforçam o papel socioeducativo da UNEI, porém afirmam que, sem investimentos do governo em programas sociais mais efetivos, o problema do adolescente infrator está longe de ser amenizado.

Daniel Abrão (UEMS), no texto “Poesia sul-mato-grossense contemporânea: tradição e contemporaneidade”, reflete acerca das poéticas que se constroem por meio de figurações distanciadas da tradição. “Por tradição, leia-se: as representações naturalistas do pantanal, a idealização identitária, presente nas iconografias da fauna e da flora do cerrado” (p. 288), o culto às origens e aos “pioneiros” ou a reprodução literária das épicas oficiais. São esses elementos por meio dos quais Abrão investiga o conceito de “regionalismo”.

O autor aborda as poéticas sul-mato-grossenses atravessadas pela *negatividade* enquanto figuram a condição contemporânea, considerando neste fato-evento a mesclas culturais, a porosidade das fronteiras culturais, o trabalho poético de transfiguração do mundo pelas palavras, a diluição dos gêneros literários, a urbanização progressiva das populações e a existência de uma materialidade abrangente que permeia e transforma, no mundo contemporâneo, diferentes sujeitos, seus territórios e suas representações.

Antonio Rodrigues Belon e Cinira Leoncio de Lima UFMS), no texto “*Aquela canção: 12 contos para 12 músicas* – a relação literatura e música”, pesquisam a relação entre literatura e música em *Aquela Canção – 12 contos para 12 músicas* (Publifolha, 2005).

Após uma abordagem histórica e estética sobre as correspondências entre estas duas artes miméticas, os autores mostram três formas de ligação interartística na obra: a relação literomusical no interior da própria canção como gênero híbrido; a relação entre a canção cantada no CD e a letra da canção grafada no livro, e, especialmente, a relação da canção – grafada e/ ou cantada – com o conto que a toma como fonte de sugestão. Segundo Belon e Lima, esta terceira forma de ligação remonta para o estudo sobre o processo de intertextualidade na criação literária. Assim, os autores articulam as relações intertextuais, demonstrando que – de maneira particular – cada uma das doze canções está presente em cada um dos doze contos, respectivamente.

“Orides Fontela: dor e epifania na fortuna crítica”, de Maria José Batista de Lima, Kelcilene Grácia-Rodrigues e Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS), tem como meta catalogar parte da produção crítica sobre a obra de Orides Fontela, considerando a importância da poetiza no quadro das tendências que fecham o século XX no Brasil. Para tanto, os autores fizeram uma pesquisa que sistematiza a bibliografia da recepção da escritora paulista, por meio da crítica literária que a recebeu e de trabalhos realizados por pesquisadores que atuam na área da historiografia literária, cujo foco foi a catalogação, sistematizada em categorias discursivas, da fortuna crítica de autores contemporâneos.

Para os autores, catalogar registros, artigos, teses, dissertações, biografias, entre outros textos, é tarefa desafiadora. Eles esperam que o estudo crítico da recepção da autora seja instrumento para a organização do conhecimento científico no âmbito literário, divulgando a obra e fornecendo uma fonte para futuras pesquisas acadêmicas sobre Fontela. Desse modo, este artigo apresenta uma sintética biografia da escritora; traz o esboço das categorias empregadas para sistematizar a bibliografia de Orides Fontela e expõe os aspectos tratados em textos publicados sobre a escritora. Nas considerações finais, os pesquisadores traçam – tendo, por pano de fundo, versos da escritora – aspectos que os estudiosos mais evidenciam na vida de Fontela e as características que a crítica anota como constantes da obra.

O ensaio intitulado “(Diá)logos com a vaidade: entre os viscos da linguagem”, de **Janaina Nicola (UNESP/Araraquara)**, vem indagar sobre qual o estreito ligamento, em face da justaposição dos estudos literários e linguísticos, entre formas, espaços e tempos: “De que modo esses elementos - e essas esferas de circulação do discurso – operam sob as coerções da linguagem e do trabalho artístico?” (p. 360). Na trilha de Bakhtin, Nicola questiona: em que medida o “discurso na vida” e o “discurso na arte” jogam (justificando o título: “logos”) com esses fatores. Associado à proposta temática deste livro, o trabalho aqui aduzido corresponde a um exercício de análise sob o proveito das contribuições bakhtinianas ao estudo do discurso. Mais especificamente, a autora: procura “refletir e refratar” algumas noções fundamentais em Bakhtin que, não raro, são utilizadas com uma economia teórica gratuita.

A fim de tal empresa, e procurando trabalhar com formas, espaços e tempos (o que na AD chamamos, respectivamente, de materialidade do enunciado, condições de produção e interpelação histórico-ideológica) imbricantes na construção do discurso, este trabalho ocupa-se da análise de uma propaganda publicística (a arte)

divulgada pela marca *Pantene*, mediante a qual Nicola explicita, subjacente ao que aparentemente seria um texto irrelevante, as estratégias empregadas, os recursos utilizados e alguns dos efeitos de sentidos disseminados e materializados na/pela propaganda em questão que, seguramente, obriga-nos a um relacionamento pouco tranquilo com a linguagem, menos inocente em face das construções artísticas e mais conscientes diante do discurso.

“Movimentos interpretativos em Nietzsche, Foucault, Fish e Derrida”, ensaio escrito por Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS) e Flávio Roberto Benites (UNEMAT), vem problematizar algumas reflexões críticas sobre os processos de leitura e de interpretação, a partir das noções de verdade e de subjetividade engendradas pelos filósofos Friedrich Nietzsche e Jacques Derrida, pelo historiador do presente e filósofo Michel Foucault e pelo crítico literário Stanley Fish. Tendo adquirido com as teorias contemporâneas posições relevantes no jogo dialético da leitura, esses intérpretes especiais, por meio de uma intervenção predominantemente ativa e produtiva, acabam por reforçar o entendimento de que o movimento interpretativo, assim como verdade e subjetividade, também é contingente, pois ele está no verdadeiro de cada tempo e nas tramas discursivas de cada rebanho.

Por fim, o último texto, “O projeto do intelectual subalterno Rodrigo S.M. / Clarice Lispector”, de Edgar César Nolasco e Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (UFMS), vem mobilizar, por meio da trajetória de uma nordestina vivendo no Rio de Janeiro, a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, utilizando-se da voz de um narrador homem, que também é um escritor. Tem-se como hipótese de pesquisa que Lispector questiona o lugar do intelectual e traz uma nova visão do papel do intelectual na contemporaneidade.

Nessa direção, o ensaio reflete sobre questões de escrita, trazendo em seu bojo uma reflexão sobre o contexto da época e uma nova proposta acerca do papel do intelectual. Este trabalho busca ainda enfatizar a presença dos seres marginais e a relação biográfico-histórico-cultural que atravessa a obra *A hora da estrela* (1977). Sob a rubrica dos estudos da subalternidade, a análise parte do texto literário como matéria discursiva cultural e trata, de forma específica, das questões sociais e culturais que permeiam o texto clariciano, denso e polêmico.

A obra organizada por Guerra e Nolasco convida os pesquisadores, professores, estudantes a fazerem uma (re)leitura das problemáticas em pauta no livro, e nesse processo, os textos nos instigam a abandonarmos essa incessante e excludente busca pela hegemonia cultural e assumirmos o babélico espaço do qual somos participantes, a partir das noções de formas, espaços e tempos. E apesar de existirem inúmeras obras abordando essas questões, o livro destaca-se por sua seriedade e objetividade que, embora os autores tenham trazido perspectivas metodológicas advindas de vários lugares teóricos da Literatura e da Linguística, os textos não se conflitam. Mais do que isso, os trabalhos mobilizam (re)leituras e (re)significações não só prazerosas, mas também estimulantes, sendo impossível fazê-la e chegar a seu final com indiferença.